

João Paulo Pinto, Teresa Cardoso e Ana Isabel Soares | **Educação, Cinema e Redes Sociais: um olhar a partir do Plano Nacional de Cinema**

Educação, Cinema e Redes Sociais: um olhar a partir do Plano Nacional de Cinema

JOÃO PAULO PINTO (CIAC - Universidade do Algarve, LE@D - Universidade Aberta)

TERESA CARDOSO (LE@D - Universidade Aberta)

ANA ISABEL SOARES (CIAC - Universidade do Algarve)

Resumo:

Considerando a relação do cinema com a educação no contexto das redes sociais, o presente texto constitui-se como uma reflexão teórica em torno da tríade Educação/Cinema/Redes Sociais, no contexto de uma investigação doutoral em curso sobre a iniciativa governamental Plano Nacional de Cinema (PNC). A revolução tecnológica fez emergir uma sociedade em rede, em que as pessoas se vêem como cidadãos ativos, construtores de interações e conteúdos, e não apenas como consumidores passivos de uma cultura criada pelos outros. O cinema, enquanto arte audiovisual, sempre assumiu um papel educacional na sociedade, mas encontra agora novas possibilidades e caminhos para intervir, contando com públicos participativos, que, além de recetores, podem ser produtores de conteúdos audiovisuais no seu quotidiano. As novas formas de viver o cinema influenciam as atividades desenvolvidas pelo PNC e reforçam os seus objetivos educacionais. Este texto pretende ser um ponto de partida para o enquadramento teórico de uma investigação que visa compreender de que modo a referida iniciativa governamental tem feito uso das redes sociais digitais *online*, e contribuir para a consolidação do conhecimento científico sobre as áreas da Educação, do Cinema e das Redes Sociais.

Palavras-chave: Educação, Cinema, Redes Sociais, Plano Nacional de Cinema (PNC), Literacia dos Média

Abstract:

Taking the relationship between cinema and education in the context of social networks as a starting point, this text intends to theoretically reflect on the triad Education / Cinema / Social Networks. It appears within the PhD research I undergo about the governmental policy of the Portuguese National Cinema Plan (PNC). The technological revolution has spawned a network

João Paulo Pinto, Teresa Cardoso e Ana Isabel Soares | **Educação, Cinema e Redes Sociais: um olhar a partir do Plano Nacional de Cinema**

society in which people became active citizens, builders of interactions and content, and not simply passive beneficiaries from a culture created by others. As an audiovisual art, cinema has always assumed a didactic role in society – but now new possibilities appear, as well as new ways to intervene with participative content as audiences become also daily audiovisual producers. These new ways of living the cinema influence the activities developed by the PNC and reinforce its educational goals. This essay intends to be a starting point for the theoretical reflection within research that aims to understand a governmental concept of teaching and learning social sciences online; it further aims at a more thorough understanding of scientific knowledge about the areas of Education, Film and Social Networks.

Keywords: Education, Cinema, Social Networks, Portuguese National Cinema Plan, Filmic Literacies.

Introdução

A revolução tecnológica fez emergir uma sociedade digital em rede, na qual os indivíduos se vêem como cidadãos ativos, construtores da inteligência coletiva, que procuram um envolvimento crescente e cada vez mais profundo com conteúdos e narrativa (CASTELLS, 2011); deixam, portanto, de se entender apenas como consumidores passivos de uma cultura criada pelos *outros*. As redes sociais tornaram-se os novos meios de difusão e trazem consigo inovadoras possibilidades de interações (PINTO, 2017). Do mesmo modo, novos dispositivos de comunicação no nosso quotidiano revolucionaram a forma como o audiovisual é vivenciado (REIA-BAPTISTA, 2006). À imagem e ao som dos tradicionais filmes, juntam-se hoje novas formas de estimular os outros sentidos humanos.

O cinema, desde as suas origens, foi considerado, para além de uma arte, uma poderosa ferramenta de reflexão e de ensino-aprendizagem. A sua relação com a educação, no contexto seja da educação escolar, seja da educação (in)formal, é parte da própria história do cinema; porém, segundo Duarte (2002), apesar de ser uma fonte rica de conhecimentos, nem sempre o cinema tem sido entendido desta forma. Acima de tudo, nem sempre as instituições de ensino têm agido com base num entendimento que potenciase tal característica do cinema. É perante preocupações deste teor que o Plano Nacional de Cinema (PNC) surge em 2012.

Atualmente, o PNC constitui-se como um projeto de acompanhamento ao currículo num número crescente de escolas por todo o país e em algumas escolas portuguesas no

João Paulo Pinto, Teresa Cardoso e Ana Isabel Soares | **Educação, Cinema e Redes Sociais: um olhar a partir do Plano Nacional de Cinema**

estrangeiro. Assim, concretiza um outro campo de trabalho/investigação e crescimento. Se, por um lado, prepara os alunos para melhores capacidades interpretativas do cinema e para, conseqüentemente, poderem ser melhores consumidores de filmes, por outro, consideramos que também os forma para compreenderem o cinema pela experimentação prática das suas técnicas, veiculando um saber que poderão transportar para as suas vivências quotidianas. Formalmente, as orientações governamentais do PNC enunciam objetivos mais associados a uma perspetiva tradicional do cinema: “a) Formar os públicos escolares de modo a garantir-lhes os instrumentos básicos de ‘leitura’ e compreensão de obras cinematográficas e audiovisuais, despertando-lhes o prazer para o hábito de ver cinema ao longo da vida; b) Valorizar o cinema enquanto arte junto das escolas e da restante comunidade educativa” (MACEDO, 2016: 157). Mas, além destes objetivos, o PNC também se apresenta como uma medida política que “visa formar novos públicos, novos espectadores para o Cinema” (MOREIRA, 2017: vii), em moldes inovadores na promoção da literacia audiovisual e na captação de novos públicos (PACHECO, 2018: 203), o que abre espaço à evolução para uma melhor adaptação às características e necessidades desses públicos e, bem entendido, reforça qualidades de cidadania.

Quando Moreira (2017) recorda que o PNC pretende criar um “novo tipo de espectador que não frequente unicamente as salas comerciais” (MOREIRA, 2017: 4), embora num contexto ligeiramente diferente, também reconhece o facto de, atualmente, se viver cada vez mais afastado da forma tradicional de ver filmes. Os estilos de vida digital tornam os indivíduos consumidores de cinema noutros espaços e de outros ou por outros meios (*Internet, smartphones, etc.*), com os quais interagem de modo que até há pouco tempo era dificilmente concebível, senão mesmo impensável. A autora parece lembrar que existe um público vasto, composto pelas novas gerações, que se habituou a aceder a conteúdos audiovisuais de formas inovadoras e distintas das tradicionais – e que é necessário trazê-las para o entendimento do cinema. Aliás, um dos grandes objetivos do PNC, que parece distingui-lo de outros projetos, é o de levar os alunos ao contexto da sala de cinema, recuperando a forma tradicional de experienciar, vivenciar, desfrutar ou usufruir de um filme: poderá afirmar-se que, nesse propósito, não se descobre apenas um intuito pedagógico ou recuperador da tradição, mas a oferta de uma experiência comparativa. Portanto, este tipo de ações constitui também uma ferramenta promotora de socialização, não só entre alunos e professores num espaço para além das fronteiras

João Paulo Pinto, Teresa Cardoso e Ana Isabel Soares | **Educação, Cinema e Redes Sociais: um olhar a partir do Plano Nacional de Cinema**

físicas da escola, mas, sobretudo, com e entre outros indivíduos, como as famílias, uma vez que, em muitos casos, as sessões cinematográficas envolvem a comunidade local.

Estas realidades justificam um estudo sobre o modo como o PNC recorre às redes sociais para cumprir parte relevante do seu papel pedagógico e discutir criticamente novas abordagens e campos de trabalho, face às constantes evoluções das artes do audiovisual. Como tal, a presente abordagem teórica integra uma investigação que procura analisar o potencial das redes sociais digitais para o PNC, um campo que consideramos estar ainda por explorar.¹ Deste modo, acreditamos que será possível determinar e sustentar uma visão sobre o PNC nos novos contextos dos audiovisuais, na qual a educação para o cinema, além de visar a preparação do indivíduo para saber interpretar e compreender o cinema, deverá também contribuir para o preparar para ser um melhor consumidor/produtor/construtor dos seus próprios conteúdos audiovisuais.

Educação/Cinema/Redes Sociais, uma reflexão teórica

O entendimento do cinema enquanto manifestação artística remonta ao início do século XX. Segundo Cunha (2016), uma das iniciativas decisivas para tal consideração foi a palestra realizada em 1911 por Ricciotto Canudo, mais tarde publicada com o nome de “Manifeste des Sept Arts” (CANUDO, 1924: 3), na qual o teórico eleva o cinema à categoria de sétima arte, “conferindo-lhe um caráter estético; reconhece o cinema enquanto linguagem, capaz de renovar, transformar e difundir as outras Artes, num projeto de Arte Total” (BRANDÃO, 2008: 3) Se, numa fase inicial, a exibição dos filmes era a demonstração de uma novidade, a partir desta altura, o cinema assume o estatuto de arte. As histórias sublinham as construções narrativas com enredos, personagens e outros elementos não tão evidentes nas primeiras experiências cinematográficas, além de um cada vez mais apurado sentido estético – acima de tudo, o cinema passa a ser entendido e a entender-se a si mesmo enquanto forma ou expressão artística.

Com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o principal eixo ocidental da produção de filmes desloca-se da Europa para os Estados Unidos; Hollywood transforma-se no centro da indústria cinematográfica, que passa a ser concebida como produto de puro entretenimento e alienação de massas, numa lógica comercial e de retorno financeiro.

¹ Projeto de investigação com o título “Educação, Cinema, Redes Sociais: Um estudo sobre o Plano Nacional de Cinema”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através de uma bolsa de doutoramento (SFRH/BD/137359/2018), integrado no doutoramento em Média - Arte Digital – Universidade Aberta/ Universidade do Algarve.

João Paulo Pinto, Teresa Cardoso e Ana Isabel Soares | **Educação, Cinema e Redes Sociais: um olhar a partir do Plano Nacional de Cinema**

Para Toldo & Lopes, esta ideologia industrial parecia não ter “preocupações com a inovação estética”, nem com opções autorais e privilegiava, pelo contrário, as preocupações comerciais dos produtores (TOLDO, LOPES, 2017: 172).

A *Nouvelle Vague*, movimento artístico do cinema francês da década de 1960, veio defender “a autoria do diretor na obra cinematográfica e trazer, ao cinema, temáticas jovens, heróis antiéticos e rompimentos com linguagem clássica” (TOLDO, LOPES, 2017: 173). Tais ideias acabaram por influenciar o cinema industrial produzido por Hollywood, inspirando novos autores e diretores, entre outros, com “novas temáticas e novas proposições estéticas aos filmes” (TOLDO, LOPES, 2017: 190). No entanto, estes autores recordam que a ambivalência do cinema de arte ou de indústria de lazer/entretenimento é uma questão tão antiga quanto o próprio cinema, algo que se reflete na forma como é visto pelos agentes da educação.

Desde os primórdios das produções cinematográficas, os produtores e diretores de cinema consideraram-no como uma poderosa ferramenta para formação, educação e reflexão humanas. Ao analisarem a relação entre cinema e educação, Linhares e Ávila sublinham que o primeiro foi “sempre considerado como um instrumento de lazer aliado ao mercado capitalista com o intuito de manipulação da sociedade” (LINHARES, ÁVILA, 2017: 99), mas, por outro lado, também foi tido como “agente de apoio à aprendizagem” (idem). Os autores concluem ainda que esta dicotomia (lazer/educação) foi o que contribuiu para algum afastamento do cinema da educação e para a não valorização do seu potencial nas aprendizagens, uma vez que sempre foi mais associado a um produto de lazer e entretenimento, e veio a perder credibilidade junto do senso comum ou da sociedade em geral. O facto é que, entendido como veículo de entretenimento e explorado como indústria, o cinema se viu cada vez mais distanciado da sua eventual natureza igualmente educativa.

Porém, considerando a diversidade de saberes integrados num filme, estamos em crer que a sua exibição transporta muito mais do que um estímulo audiovisual ou a mera ilustração da realidade. A utilização do cinema na área da educação é, assim o entendemos, um meio de ensino-aprendizagem, que possibilita o destaque, por exemplo, de aspetos sociais, culturais, históricos, literários e políticos relacionados com o contexto em que o próprio filme é recebido. Em contexto de sala de aula, a utilização do cinema é vista por SILVA (2007) como elemento fundamental para romper barreiras entre o quotidiano da

João Paulo Pinto, Teresa Cardoso e Ana Isabel Soares | **Educação, Cinema e Redes Sociais: um olhar a partir do Plano Nacional de Cinema**

escola e a vida fora dela, para diminuir separações metodológicas entre o pensar, o sentir e o aprender, e para ampliar a possibilidade de escuta e reflexão do aluno.

Uma vez que a linguagem audiovisual é muito apelativa e pode produzir experiências diferenciadas e enriquecedoras na sala de aula, os filmes podem, de facto, ser utilizados como uma porta de acesso a informações geradoras de conhecimento, que, por sua vez, não se esgotam em si mesmas. Ora, para que se entenda e se concretizem as sinergias entre cinema e educação, defendemos que a literacia fílmica é um aspecto fundamental. A Comissão Europeia define esta literacia como a capacidade de ser consciente e curioso na escolha de filmes; a competência de ver criticamente um filme e analisar o seu conteúdo, tanto nos aspetos cinematográficos como técnicos; e a capacidade de manipular a sua linguagem e recursos técnicos num movimento criativo de produção de imagem.² Logo, como indicam os dados recolhido por Macedo, literacia fílmica é “mais do que a utilização do filme para a mera ilustração de conteúdos curriculares” (MACEDO, 2016: 291).

Conforme concluíram Linhares e Ávila, “as aproximações do cinema e da educação são múltiplas e complexas, extrapolando a simples associação do filme ao conteúdo” (LINHARES, ÁVILA, 2017: 89). Devem contemplar, através da análise fílmica, um amplo processo de perceção e de reflexão sobre os saberes e as práticas inerentes à linguagem cinematográfica, de forma a tornar possível a realização de aprendizagens que possam conduzir à construção do conhecimento.

Numa sociedade de tecnologia altamente mediatizada, em que a imagem, nas suas várias formas, é, por assim dizer, rainha dos conteúdos, o vídeo tem conquistado particular destaque nas redes sociais, e demonstra-se um crescente interesse por “contar histórias com imagens, sons e movimentos” (FANTIN, 2007: 1). Esta dinâmica remete muito claramente para a essência do cinema. Tal realidade tem igualmente implicações na forma como as aprendizagens são realizadas, tanto em contextos formais e/ou escolarizados, como informais. A educação deverá, assim, cremos, “considerar novos rumos, estratégias e metodologias, para que possa responder às necessidades dos indivíduos e instituições” (PINTO, 2017: 8).

² Tradução livre dos autores. Texto original: “The level of understanding of a film, the ability to be conscious and curious in the choice of films; the competence to critically watch a film and to analyse its content, cinematography and technical aspects; and the ability to manipulate its language and technical resources in creative moving image production” (REID, WALL, WILLIG, 2015: 3).

João Paulo Pinto, Teresa Cardoso e Ana Isabel Soares | **Educação, Cinema e Redes Sociais: um olhar a partir do Plano Nacional de Cinema**

A revolução tecnológica fez emergir um novo paradigma social, descrito por Castells (2011) como “sociedade em rede” – a que aludimos na introdução –, com “impacto no estilo de vida e no comportamento dos indivíduos na sociedade, bem como na forma de aprenderem” (PINTO, CARDOSO, 2017: 79). As transformações decorrentes desta revolução deram poder aos utilizadores, que deixaram de ser meros consumidores de conteúdos, e passaram, também, a produtores. Bruns designou estes novos indivíduos como “Producers” (BRUNS, 2006: 3), conceito que emerge de fenómenos como a cibercultura³ e a cultura participatória,⁴ com implicações transversais às várias dimensões da vida dos indivíduos. Por exemplo, na área da arte computacional e da arte digital, Marcos refere a existência de movimentos artísticos que exploram a possibilidade de receber certos tipos de interação do público para “alterar o próprio artefacto artístico e o seu contexto de fruição” (MARCOS, 2013: 130), considerando “o papel do espetador/fruidor ativo, que deixa de ser um simples observador para se assumir como observador-ator-interventor” (idem). Este cenário confere novos sentidos e desafios a todo o campo da Educação, uma vez que as novas atitudes dos utilizadores, além de representarem “um enorme potencial de compartilhamento de conhecimento [...] sem a preocupação em infringir direitos autorais” (SANTOS, 2012: 83), também ratificam a cultura da participação, procurando a conectividade, a interatividade e a cooperação dos sistemas *Web 2.0*, para ampliar o alcance e os reflexos da própria Educação.

De facto, as evoluções tecnológicas, nomeadamente a dos meios digitais baseados na *Web 2.0*, transformaram de modo radical a “produção, difusão e consumo de obras audiovisuais, até mesmo a obra cinematográfica” (BARONE, 2009: 45). Os espaços *Web*, com especial destaque para as redes sociais *online*, são hoje os meios mais frequentemente utilizados para a construção e a disseminação de projetos artísticos e culturais, entre eles os audiovisuais. O acesso à participação é, assim, democratizado, e cada cidadão ocupa, simultaneamente, o papel de utilizador e de colaboradores, sem constrangimentos físicos, técnicos ou geográficos. Se, no processo convencional/tradicional de criação do cinema, a participação se restringia à equipa responsável pela produção do filme, hoje, com as novas possibilidades de participação

³ Lévy definiu cibercultura como um “conjunto de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999: 17).

⁴ Rheingold defende a “emergência de uma cultura participativa. As pessoas que acham que são capazes de criar e também de consumir são cidadãos diferentes. E as suas participações tornam a sociedade diferente e melhor” (RHEINGOLD, 2012: 249)

João Paulo Pinto, Teresa Cardoso e Ana Isabel Soares | **Educação, Cinema e Redes Sociais: um olhar a partir do Plano Nacional de Cinema**

abertas pela *Internet*, o cinema passou a poder contar com o público para colaborar ativamente, também, no seu processo criativo.

Segundo Lobo & Valent, por exemplo, existem atualmente condições tecnológicas para a utilização do conceito de “cinema colaborativo”, através do qual o “espectador se torna colaborador do processo criativo pela interatividade e mediação que o ciberespaço oferece” (LOBO e VALENTE, 2013: 390). Os autores analisaram vários projetos cinematográficos realizados segundo este processo colaborativo, e adotam o termo “prosumers (produtor-consumidor)” para se referirem aos indivíduos que se envolvem, *online*, na produção da obra.⁵

Noutro campo de trabalho, investigações realizadas por Cunha (2016), referem alguns projetos designados por “oficinas de cinema”, implementados em algumas escolas observadas, em que os alunos, além de visionarem os filmes e discutirem os temas abordados, também têm a oportunidade de experimentar as técnicas cinematográficas e manusear equipamentos de forma a terem contacto com todo o processo de produção de um filme. Em alguns casos, além dos professores de várias disciplinas, também estão envolvidos profissionais da área do cinema, como realizadores e *cameramen*. Pensamos que esta metodologia é suscetível de se enquadrar na cultura dos “producers” (RHEINGOLD: 2012), uma vez que nesses projetos existe também a intenção de preparar os alunos para intervirem no cinema de forma mais ativa e participativa, e não se restringirem à função de alunos-espectadores.

Embora os projetos acima referidos sejam apenas alguns exemplos de como as novas tecnologias podem contribuir para trabalhar o cinema nos contextos educacionais, Pacheco, concordando que a partilha de “conhecimento pode ser complementar e útil” (PACHECO, 2018: 208), ressalva, com algum cuidado, que tais atividades práticas não devem ser o centro dos projetos de cinema e educação.

Considerações finais

A concluir, ao longo desta reflexão teórica, começámos por visitar alguns pontos da relação do cinema com a educação no contexto das sociedades contemporâneas, cada vez mais digitais. Trata-se de uma relação que remonta às origens do cinema, que tem acompanhado a evolução da educação, e que encontra novos desafios no contexto dos

⁵ O anglicismo “Prosumers” (RHEINGOLD, 2012) tende a ser equivalente a “Producers” (BRUNS, 2006).

João Paulo Pinto, Teresa Cardoso e Ana Isabel Soares | **Educação, Cinema e Redes Sociais: um olhar a partir do Plano Nacional de Cinema**

atuais estímulos tecnológicos e audiovisuais. Assim, num quotidiano em que se incorporam novos estilos de vida digital, a relação do cinema com a educação vai-se alterando e atualizando, enfim, evoluindo.

Conforme se constatou antes, as possibilidades de partilha e de cooperação disponibilizadas pelas ferramentas associadas à multimédia e à *Web 2.0* fomentam e favorecem novas práticas educacionais. A relação entre educação, cinema e redes sociais parece, pois, inevitável e vem incentivar “o processo de aprendizagem formal, mas especialmente [excita] movimentos de aprendizagem não-formal” , porque, na sociedade em rede, as pessoas aprendem cada vez mais de modo informal nas suas atividades pessoais e profissionais (SANTAROSA,; CONFORTO,; SCHNEIDER, 2013: 8).

Nesta abordagem teórica centrámos as nossas preocupações no trinómio Educação/Cinema/Redes Sociais, que serve de mote ao projeto de investigação em curso,¹ tendo como referenciais enquadradores a educação aberta e o cinema, para, subsequentemente, e no desenvolvimento futuro deste projeto, fundamentar, perspetivar e compreender a implementação do PNC, em particular a sua presença, hoje, nas redes sociais digitais.

Assim, acreditamos que será possível determinar e sustentar uma visão sobre o PNC nos novos contextos dos audiovisuais, de acordo com a qual a educação para o cinema, além de almejar a preparação do indivíduo para saber interpretar e compreender o próprio cinema, contribuirá igualmente para o preparar para ser melhor consumidor/produtor/construtor dos seus próprios conteúdos, nomeadamente audiovisuais, na perspetiva de uma cidadania mais plena. Dito de outro modo, a promoção de novas metodologias no processo de ensino-aprendizagem para a inovação pedagógica e a adaptação às mudanças sociais e tecnológicas, com o objetivo de oferecer uma educação integral, “promovendo uma sociedade verdadeiramente aberta e inclusiva” (AMANTE, QUINTAS-MENDES, 2016: 62), pode ser fomentada através do cinema.

O olhar aqui desenhado permite, em suma, demonstrar que o cinema é uma poderosa ferramenta para a formação, a educação e a reflexão, seja no contexto da aprendizagem escolar ou da aprendizagem informal, presencial ou *online*, como no caso das redes sociais. Desta forma, cremos que a Educação, o Cinema e as Redes Sociais são uma tríade válida, desejável e promissora para o PNC, que importa continuar a explorar e aprofundar.

Referências

- AMANTE, Lúcia, QUINTAS-MENDES, António (2016), "Educação a distância, educação aberta e inclusão – dos modelos transmissivos às práticas abertas, *Inclusão Social*, Brasília, DF, v.10 (n.º1, jul./ dez): 49-65. Recuperado de: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4172/3643>
- BARONE, J. G. (2009), *Cenários tecnológicos e institucionais do cinema brasileiro na década de 90*, Porto Alegre: Sulina.
- BRANDÃO, Helena Sofia Miranda (2008), *A fábrica de imagens: o cinema como arte plástica e rítmica*, Universidade de Lisboa. Recuperado de: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/341>
- BRUNS, Axel (2006), *Towards Prodsusage: Futures for User-Led Content Production*, Queensland: Queensland University of Technology. Recuperado de: http://eprints.qut.edu.au/4863/1/4863_1.pdf
- CANUDO, Ricciotto (1924), *La Gazette des Sept Arts*, n.º 10 (mar.), Paris. Recuperado de <http://www.cineressources.net/consultationPdf/web/o002/2687.pdf>
- CASTELLS, Manuel (2011), *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, 4 ed., Vol. 1, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CUNHA, Raquel Pacheco Mello (2016), *Cinema e Educação. Estudos de caso no Brasil e em Portugal*, Universidade Nova. Recuperado de <https://run.unl.pt/handle/10362/18469>
- DUARTE, Rosália (2002), *Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação*, Belo Horizonte: Autêntica.
- FANTIN, Mônica (2007) "Média-Educação e Cinema na Escola", *Teias*, 14–15. Recuperado de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24008/16978>
- LÉVY, Pierre (1999), *Cibercultura*, São Paulo: Editora 34.
- LINHARES, Ronaldo, Everton ÁVILA (2017), "Cinema e educação para além do conteúdo", *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 10 (21): 89-100. Recuperado de <https://doi.org/10.20952/revtee.v10i21.6335>
- LOBO, Juliana, José VALENTE (2013), *Do argumento à cena: Cinema em processo colaborativo no ciberespaço*, SOPCOM: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Recuperado de <http://revistas.ua.pt/index.php/sopcom/article/view/3995>
- MACEDO, Isabel Moreira (2016), *Migrações, memória cultural e representações identitárias: a literacia fílmica na promoção do Diálogo Intercultural*, Braga: Universidade do Minho. Recuperado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/48712>
- MARCOS, Adérito Fernandes (2013), "Artefacto computacional: elemento central na prática artística em arte e cultura digital", *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 3 (2): 129–147. Recuperado de <http://www.rlec.pt/index.php/rlec/article/view/182/145>
- MOREIRA, C. (2017), *Cinema chega às Escolas: a importância do Plano Nacional de Cinema*, Covilhã: Universidade da Beira Interior, Faculdade de Artes e Letras.
- PACHECO, Raquel (2018), *Cinema e Educação. Estudos de Caso no Brasil e em Portugal. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

João Paulo Pinto, Teresa Cardoso e Ana Isabel Soares | **Educação, Cinema e Redes Sociais: um olhar a partir do Plano Nacional de Cinema**

PINTO, João (2017), "Formação aberta e online, redes sociais e inclusão digital: o projeto Reviver na Rede", Lisboa: Universidade Aberta. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.2/6930>

PINTO, João, Teresa CARDOSO (2017), "Redes Sociais e Educação Aberta: Que Relação?", *Redes e Mídias Sociais*, org. P. Torres, 2ª edição, s.l.: Editora Appris. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.2/7212>

REIA-BAPTISTA, Vítor (2006), *New environments of media exposure. Internet and narrative structures: From media education to media pedagogy and media literacy*, Nordicom, Göteborg University. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.1/9125>

REID, Mark, Ian WALL, Sarah DUVE, Caren WILLIG(2015), *Screening Literacy: Film Education in Europe*. Recuperado de www.bfi.org.uk/screening-literacy-film-education-europe

RHEINGOLD, Howard (2012), *Net Smart – How to Thrive Online*, Cambridge, Ma.: MIT Press.

SANTAROSA, Licilia, Debora CONFORTO, Fernanda SCHNEIDER (2013), "Tecnologias na Web 2.0: o empoderamento na educação aberta", *III Colóquio Luso-Brasileiro de Educação a Distância e Elearning*, Lisboa: Universidade Aberta, pp. 1-18. Recuperado de <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3071>

SANTOS, Andreia (2012), "Educação Aberta: histórico, práticas e o contexto dos Recursos Educacionais Abertos", *Recursos Educacionais Abertos práticas colaborativas e políticas públicas*, (1a): 71-89. Recuperado de:

<http://aberta.org.br/livrorea/artigos/wp-content/uploads/2012/05/REA-santos.pdf>

SILVA, R. P. (2007), *Cinema e Educação*, São Paulo, Brasil: Editora Cortez.

TOLDO, Giordano, Fernando LOPES (2017), "Cinema como arte ou entretenimento: uma visão de seus realizadores e a estrutura organizacional de suas produtoras", *REAd, Revista Eletrônica de Administração*, 23 (2): 167-190. Recuperado de:

<https://doi.org/10.1590/1413.2311.176.60848>

João Paulo Pinto

Licenciado em Educação - Pedagogia Social e da Formação, mestre em Pedagogia do Elearning e doutorando em Média-Arte Digital pela Universidade Aberta. É investigador colaborador do Laboratório de Educação a Distância e Elearning (LE@D), Universidade Aberta, e realiza investigação em Cinema, Educação e Redes Sociais no Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC), Universidade do Algarve. www.joaopinto.net

Teresa Cardoso

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Francês/Inglês) pela Universidade de Coimbra e Doutorada em Didática pela Universidade de Aveiro. Desde 2007, docente da Universidade Aberta e membro do LE@D, com atividade científica nas áreas da educação aberta, aprendizagem móvel e TIC em contextos educacionais. www.teresacardoso.pt

João Paulo Pinto, Teresa Cardoso e Ana Isabel Soares | **Educação, Cinema e Redes Sociais:
um olhar a partir do Plano Nacional de Cinema**

Ana Isabel Soares

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês), Mestre e Doutora em Teoria da Literatura, pela Universidade de Lisboa, onde também completou uma investigação de pós-doutoramento sobre cinema português e poesia. Professora Auxiliar na Universidade do Algarve (UAlg) e membro do CIAC, com atividade científica nas áreas da Teoria da Literatura, com enfoque em obras multiartísticas, fílmicas e literárias.